

Olhando Rembrandt a partir de Bakhtin e Simmel / *Looking at Rembrandt from Simmel and Bakhtin's perspective*

Denísia Moraes dos Santos*

RESUMO

Este artigo analisa a figura de Cristo em A ressurreição de Lázaro (1630/31), de Rembrandt, sob a ótica do pensamento de dois intelectuais do século XX: Georg Simmel e Mikhail Bakhtin. A fundamentação teórica que norteia a análise parte dos conceitos de autor-criador e herói, construídos por Bakhtin. Pretende-se a partir desses conceitos mostrar os pontos de contato entre o pensamento de Bakhtin e Simmel no que se refere ao modo como veem a representação de Cristo no evento estético.

PALAVRAS-CHAVE: Bakhtin; Simmel; Cristo; autor-criador

ABSTRACT

This paper investigates the figure of Christ in "The Resurrection of Lazarus" (1630/31), by Rembrandt, from the perspective of the thought of two intellectuals of the twentieth century: Georg Simmel and Mikhail Bakhtin. The analysis based on the concepts of author-creator and hero in the aesthetic activity, built by Bakhtin. We aim to briefly approximate Bakhtin's and Simmel's theories in relation to the way to seeing figure the Christ in aesthetic activity.

KEY-WORDS: *Bakhtin; Simmel; Christ; Author-creator*

* Mestranda da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, bolsista SEESP; denisia.moraes@hotmail.com

INTRODUÇÃO

O propósito do presente artigo é analisar a figura de Cristo em *A ressurreição de Lázaro* (1630/31), de Rembrandt, sob a ótica de Mikhail Bakhtin (1895-1975) e Georg Simmel (1858-1918). Utilizamos os conceitos de *autor-criador* e *heroi* construídos por Bakhtin no texto “O autor e o heroi na atividade estética”, escrito por volta de 1920-1922 e publicado na coletânea *Estética da criação verbal*.

Pretendemos estabelecer os pontos de contato entre os dois autores, considerando o olhar de Simmel para a figura de Cristo em Rembrandt e o olhar de Bakhtin para a relação do autor-criador com o heroi.

Com o intuito de alcançar nosso objetivo, este artigo está organizado em quatro movimentos: 1) descrever o contexto social que envolve o quadro de Rembrandt; 2) apontar para o lugar onde Bakhtin e Simmel se encontram e de onde observam o evento estético; 3) abordar os conceitos de *autor-criador* e *heroi* para explicar o funcionamento da linguagem na materialidade; 4) estabelecer pontos de contato entre o pensamento de Bakhtin e de Simmel.

1. O OLHAR DO AUTOR-CRIADOR NA HOLANDA DO SÉCULO XVII

Eis o quadro de Rembrandt que tomaremos como ponto de partida.



A ressurreição de Lázaro, Rembrandt, Harmensz van Rijn (1630/31)

No século XVII, embora a Holanda fizesse fronteira com Flandres, os dois países não podiam ser mais diferentes, tanto cultural como politicamente. Enquanto Flandres era regida pela monarquia e pela Igreja Católica, a Holanda era um país independente, democrático e protestante. Nos rígidos e despojados templos protestantes, a arte religiosa era proibida e as fontes normais de mecenato – Igreja, corte e nobreza – tinham se acabado. Assinala-se assim, naquele momento, uma democratização da arte em relação aos temas retratados nas telas dos pintores holandeses.

O protestantismo holandês, contudo, trouxe algumas dificuldades para os artistas no que se refere à representação de cenas religiosas, mas não as impediu. O protestantismo não aceitava a arte vinculada aos preceitos da Igreja Católica. Nesse cenário, não havia lugar para os quadros de devoção de modo que os temas bíblicos ocupavam lugar relativamente modesto. Assim, as cenas da vida cotidiana ocupavam lugar de destaque na arte.

Em *A ressurreição de Lázaro*, os tons marrons avermelhados aparecem ao olho pela contemplação dos elementos que compõem a cena bíblica. Com exceção da figura de Lázaro de vestes brancas e rosto pálido, todos os outros elementos são marcados com as pinceladas que vão do vermelho vivo ao vermelho que vai escurecendo ao se misturar com o tom marrom.

Um jogo entre zonas claras e escuras orienta nossa visão. O uso do vermelho em contraste com o emprego do tom amarelado presente na figura de Lázaro configura a oposição temática vida e morte. Distinguem-se dois planos que se apresentam respectivamente indicando vermelho amarronzado no plano da representação do mundo natural e o amarelo no plano da representação da personagem que ressurgue da morte.

O que está em questão é não somente pintar uma cena bíblica, mas o como pintá-la, ou seja, a linguagem pictórica sua questão maior centra-se na organização do evento estético, estruturado a partir de uma visão renovada sobre a religiosidade. Entende-se aqui religiosidade inerente ao homem, isto é, aquela que não pertence a nenhuma ordem religiosa. Esta religiosidade está presente no homem como marca da espécie humana.

Ao buscar na linguagem de sua pintura um sistema autônomo, o autor-criador encontra o seu lugar e assim se posiciona no lugar que é exterior ao evento estético. Essas afirmações exigem um aprofun-

damento que só se pode efetivar-se pela análise do conjunto arquitetônico da obra, isto é, as relações dialógicas presentes na construção do sentido do texto.

O objeto desse estudo não é a pintura, mas como o autor-criador a vê. Nesta análise, focalizaremos os pontos de contato entre Bakhtin e Simmel e a maneira como vêem Cristo, sobretudo no evento estético.

A representação de Cristo e Lázaro na tela de Rembrandt condiz com o cenário descrito da Holanda do século XVII. Se tomarmos o exemplo da tela de Rembrandt, observaremos que as figuras humanas presentes no texto visual parecem gente comum e o milagre da ressurreição um evento do cotidiano. Isso se dá graças ao fato de que os pintores não mais precisavam vincular suas pinceladas pictóricas aos preceitos impostos pela Igreja Católica.

Apesar do milagre realizado por Cristo, não há na cena irradiação de transcendência, nem algum indício que mostre Cristo como pertencente a uma ordem diferente. O que vemos é a religiosidade, não a religião. Dessa maneira, as personagens em *A ressurreição de Lázaro* parecem possuir voz própria, isto é, não estão presas a uma ordem religiosa. São, assim, apresentadas ao mundo como pessoas comuns do cotidiano de uma época.

Prosseguiremos com *um olho* em Bakhtin e em Simmel e *o outro* na figura de Cristo em *A ressurreição de Lázaro*, observando a seguir onde Simmel e Bakhtin se encontram e de onde observam.

2. ONDE SIMMEL E BAKHTIN SE ENCONTRAM E DE ONDE OBSERVAM?

Para conhecermos o lugar em que Georg Simmel (1858-1918) e Mikhail Bakhtin (1895-1975) se encontram e de onde observam, rastreamos brevemente a história desses dois homens.

De acordo com Waizbort, o sociólogo Georg Simmel nasceu e viveu em Berlim até os 56 anos. De 1858 a 1914 ele morou ininterruptamente na capital prussiana. Nesse período, acompanhou as transformações da cidade, e esse processo de transformação foi um elemento central na configuração de sua teoria do moderno, filosofia da cultura e análise do presente, em suma, para a própria ideia de uma cultura filosófica (WAIZBORT, 2000, p.315). Acrescenta, ainda, Waizbort, revelando que a teoria do moderno em Simmel é o enfren-

tamento com a cidade em que vivia, suas próprias experiências formam o material que atiza a sua reflexão e a tentativa de apreender conceitualmente as transformações que ocorrem (Idem, *ibid*). Assim, o que é específico em Berlim serve como impulso e ponte para analisar o que é genérico.

Segundo Ribeiro, as múltiplas preocupações de Simmel levaram-no a temas aparentemente díspares, como a vida urbana, o dinheiro, a prostituição, a arte, o estilo de vida moderno e as religiões. Sendo assim assinala ainda o autor que Simmel foi um desses raros “pensadores totais”, pois produziu nas áreas da sociologia, filosofia, antropologia, psicologia e teologia (2006, p.1).

Bakhtin, igualmente, deixou contribuições no campo das ciências humanas, sobretudo, nos estudos da linguagem, da estética, da sociologia e da filosofia.

Bakhtin e seu Círculo têm merecido, nos últimos anos, grande atenção por parte de diferentes áreas do conhecimento. Esse fato pode ser constatado nas inúmeras traduções, nos incontáveis ensaios interpretativos e, especialmente, na circulação de noções, categorias, conceitos advindos diretamente do pensamento bakhtiniano, com ele aparentados ou, ainda, por ele motivados (BRAIT, 2008, p. 8).

Interessa-nos captar o olhar de Bakhtin e o de Simmel, tentando o que veem do lugar que ocupam. Depois retornarmos ao nosso lugar, que é exterior à vivência dos dois intelectuais, para sintetizar o que vemos, de acordo com nossos valores, perspectiva e problemática.

3. O OLHAR DE BAKHTIN E DE SIMMEL PARA O AUTOR-CRIADOR E O HEROI

Faz-se necessário aqui estabelecermos a distinção que Bakhtin faz entre *autor-pessoa*, isto é, o escritor, o artista, componente da vida, do *autor-criador*, componente da obra. Para ele, “o autor-criador contribui para nos esclarecer o homem-autor, sendo apenas depois disso que o significado do que ele disser sobre seu ato criador ficará completo e esclarecido” (2006, p. 6). Veremos a seguir que o autor-criador existe apenas na relação com o objeto.

O autor cria, mas vê sua criação apenas no objeto que ele enforma, isto é, vê dessa criação apenas o produto em

formação e não o processo psicologicamente determinado. São igualmente assim todos os vivenciamentos criadores ativos: estes vivenciam o seu objeto e a si mesmos no objeto e não no processo de seu vivenciamento; vivencia-se o trabalho criador, mas o vivenciamento não escuta nem vê a si mesmo, escuta e vê tão-somente o produto que está sendo criado ou o objeto a que ele visa. Por isso o artista nada tem a dizer sobre o processo de sua criação, todo situado no produto criado (BAKHTIN, 2006, p. 5).

Como se observa, o autor-criador não se confunde com o autor-pessoa. Vamos enxergá-lo na relação com o objeto estético. Assim como também o que determina o objeto e sua estrutura é a relação do autor-criador com ele, não o contrário.

(...) é somente quando nossa relação se torna aleatória, como que caprichosa, quando nos afastamos da relação de princípio que estabelecemos com as coisas e com o mundo, que o objeto se nos torna alheio e fica autônomo, começa a se desagregar, abandonando-nos ao reino do aleatório no qual perdemos a nós mesmos e perdemos também a determinação estável do mundo (BAKHTIN, 2006, p. 6).

Essa relação estética, de fato, aproxima o pensador russo do filósofo alemão, Georg Simmel. Dando continuidade à ideia de estabelecer pontos de contato entre os dois pensadores, vejamos como Bakhtin posiciona o autor-criador em relação à personagem:

O autor reflete a posição emotivo-volitiva da personagem e não a sua própria posição em face da personagem; essa posição ele realiza, é objetivada, mas não se torna objeto do exame e de vivenciamento reflexivo; o autor cria, mas vê sua criação apenas no objeto que ele enforma (2006, p. 5).

O autor-criador distancia-se da personagem na medida em que essa personagem reflete a si mesmo, não uma postura do autor-criador. Essa maneira de enxergar a relação existente entre o autor-criador e o herói está muito próxima do modo como Simmel observa as personagens em Rembrandt. Segundo ele, nas imagens de Ravena, quando os seres divinos e os santos entram em relação com o humano, não se pode deixar de notar uma *aura magistrale* da religião e da igreja, dotadas de um tom infinito (SIMMEL, 1997, p. 86). A *aura magistrale* a que se refere o autor remete às pinceladas de tons

amarelos criando uma auréola muitas vezes translúcida ao redor da cabeça dos santos.

Isso não aparece nas telas de Rembrandt, porque seu ser religioso não é a irradiação de um conteúdo vinculado à Igreja Católica, mas um processo de vida, uma função que só pode se realizar no íntimo do indivíduo. Assim, ele observa a figura de Jesus nos quadros de Rembrandt não com um caráter transcendente e sim uma realidade empiricamente humana, tais como seu amor e ensinamento, seu desespero e sofrimento no Getsêmane. Desse modo, a figura estética Cristo nas telas de Rembrandt está o mais distanciada possível de toda religiosidade da lei, isto é, longe dos dogmas e doutrinas da Igreja. A religiosidade presente no herói não se prende a nenhum conteúdo.

As palavras de Bakhtin correspondem a essa maneira de Simmel olhar para a personagem. Para o pensador russo, as personagens criadas se desligam do processo que as criou e começam a levar uma vida autônoma no mundo, e de igual maneira o mesmo se dá com o seu real autor-criador.

Em *Problemas da poética de Dostoiévski*, Bakhtin discute a questão da autonomia dos heróis:

A impressionante independência interior das personagens dostoiévskianas, corretamente observada por Askóldov, foi alcançada através de meios artísticos determinados. Trata-se, antes de mais nada, da liberdade e independência que elas assumem na própria estrutura do romance em relação ao autor, ou melhor, em relação às definições comuns exteriorizantes e conclusivas do autor (1997, p.13).

Como se observa, tanto em Simmel como em Bakhtin as personagens do ato artístico são autônomas, possuem voz própria. Para o teórico russo, é o autor-criador que realiza essa transposição de um plano de valores para outro plano de valores. E de acordo com o sociólogo alemão, “se o tema de um quadro de Rembrandt é bíblico, sua personagem pode sobrepor o significado autônomo do ser religioso subjetivo à tradição sagrada objetiva” (SIMMEL, 1997, p. 84).

Contudo vamos verificar que a autonomia apontada por Simmel é, sobretudo, relativa se considerarmos o pensamento de Bakhtin em *Problemas da poética de Dostoiévski*. A relativa autonomia da personagem se dá em razão de continuar sendo criada pelo autor-criador.

Vejamos como Bakhtin vê a autonomia relativa da personagem:

Isto, obviamente, não significa que a personagem saia do plano do autor. Não, essas independência e liberdade integram justamente o plano do autor. Esse plano como que determina de antemão a personagem para a liberdade (relativa, evidentemente) e a introduz como tal no plano rigoroso e calculado do todo (1997, p. 13).

Ao levar em conta a autonomia relativa dos heróis, Faraco observa que Bakhtin pretende considerar o herói como aquele que se desprende do campo de visão do autor-criador e pode desenvolver seu discurso de acordo com a lógica interna, como palavra do outro, como palavra da própria personagem (2008, p. 46).

Bakhtin chama atenção sobre o interesse do autor sobre a personagem:

A personagem não interessa a Dostoiévski como um fenômeno da realidade, dotado de traços típicos-sociais e caracterológico-individuais definidos e rígidos, como imagem determinada, formada de traços monossignificativos e objetivos que, no seu conjunto, respondem à pergunta: “quem é ele?” A personagem interessa a Dostoiévski enquanto ponto de vista específico sobre o mundo e sobre si mesma, enquanto posição racional e valorativa do homem em relação a si mesmo e à realidade circundante. Para Dostoiévski não importa o que a sua personagem é no mundo mas, acima de tudo, o que o mundo é para a personagem e o que ela é para si mesma (1997, p. 49).

A imagem de Cristo não é alcançada mediante nenhuma irradiação de transcendência, nem por algum outro indício que mostre o Redentor como pertencente a uma ordem diferente de acordo com Simmel. E usando as palavras de Bakhtin poderíamos dizer que Cristo se apresenta ao mundo naquilo que o mundo é para ele e o que ele é para si mesmo.

Segundo Simmel, “em vários quadros de Rembrandt sobre Jesus, o Redentor aparece como menino insignificante, quase sufocado pelos que o cercam, como no quadro da Samaritana em Berlim” (1997, p. 86). O pensamento formulado por ele leva em conta tanto a autonomia da figura de Cristo em Rembrandt como a religiosidade inerente ao homem.

Direcionemos os nossos olhares por meio do olhar de Simmel para ver como ele vê:

Se o olhamos mais um pouco, esse ser fraco e hesitante é o único verdadeiramente dotado de força, pois todas as outras figuras fortes e substanciais estão perante ele como que inseguras, desenraizadas, como se só ele, e não elas, tivesse o chão sob os pés, chão que, na realidade, é o da humanidade. E isso não é alcançado simplesmente mediante alguma irradiação de transcendência, nem por algum outro indício que mostre o Redentor como pertencente a uma ordem diferente, no sentido objetivo-metafísico. Jesus simplesmente possui uma religiosidade mais forte, a mais forte, aquela segurança incondicional, característica de sua humanidade, e que aparece em seres humanos apenas como consequência, ou um aspecto, da religiosidade de Jesus (1997, p. 86).

Simmel, embora analise a figura de Cristo no objeto estético, desenvolve uma concepção do Redentor na arquitetônica da vida. Vejamos como a visão de Bakhtin é muito próxima da de Simmel.

Em Cristo encontramos a síntese, única pela profundidade, do *solipsismo ético*, do rigor infinito do homem consigo, isto é, de uma atitude irrepreensivelmente pura em face de si mesmo com a bondade *ético-estética* para com o outro: aqui pela primeira vez apareceu o *eu-para-mim* infinitamente profundo, não frio mas desmesuradamente bondoso para com o outro, que faculta toda a verdade ao outro como tal, revela e afirma toda a plenitude axiológica do outro. Para Cristo, todos os homens se dissolvem nele como o único e em todos os outros homens; nele que perdoa, e nos outros, os perdoados; nele, o salvador, e em todos os outros, os salvos; nele, que assume o fardo do pecado e da expiação, e em todos os outros, libertos desse fardo e purificados. Daí que em todas as normas de Cristo contrapõe-se o *eu* ao *outro*: o sacrifício absoluto para mim e o perdão para o outro. No entanto, o *eu-para-mim* é o outro para Deus. Deus já não se define essencialmente com a voz da minha consciência, como a pureza da atitude para comigo, a pureza da autonegação arrendida de tudo o que está dado em mim, como aquele em cujas mãos é pavoroso cair e de quem ver a face significa morrer (a condenação imanente de si mesmo), mas como o pai celestial que está *acima de mim* e pode me

absolver e perdoar onde eu, por princípio, não posso me absolver e perdoar de dentro de mim mesmo e permanecer puro comigo mesmo. Deus é para mim mesmo o que eu devo ser para o outro (BAKHTIN, 2006, p. 52).

Ao dizer que Cristo é para mim o que eu devo ser para o outro, Bakhtin situa a figura de Cristo na arquetônica do mundo, isto é, aqui o herói Cristo não é um componente da obra de arte, mas da vida.

Como síntese de aproximação que fizemos entre Bakhtin e Simmel a respeito do modo de ver Cristo tanto na arte como na vida, podemos afirmar que os dois autores apresentam em comum as seguintes posturas, norteadoras da proposta que apresentamos neste artigo:

- a) Apontam para autonomia (relativa, evidentemente) da representação de Cristo no evento estético.
- b) Posicionam-se em um lugar exterior ao evento estético para análise do objeto.
- c) Apresentam uma postura filosófica a respeito da representação de Cristo.
- d) Analisam a figura de Cristo sem a interferência de nenhuma ordem religiosa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Provavelmente Simmel e Bakhtin não tenham dialogado diretamente. Dialogaram, contudo, cada um a seu modo e em seu lugar na maneira de olhar para as personagens completas e livres, possuindo plena consciência de si mesmas. O olhar na mesma direção parece ser o que os aproxima.

Pretendemos, com essa exposição, ressaltar os pontos de contato entre os dois autores. No entanto, os conceitos teóricos aqui demonstrados oferecem-nos condições para enxergarmos algo mais como, por exemplo, a nossa posição diante do olhar do outro.

Eu devo entrar em empatia com esse outro indivíduo, ver axiologicamente o mundo de dentro dele tal qual ele vê, colocar-me no lugar dele e, depois de retornar ao meu lugar, completar o horizonte dele com o excedente de visão que desse meu lugar se descortina fora dele, convertê-lo, criar

para ele um ambiente concludente a partir desse excedente da minha visão. Do meu conhecimento, da minha vontade e do meu sentimento (BAKHTIN, 2006, p. 23).

A teoria formulada por Bakhtin nos anos 1920 leva em conta tanto o que está no domínio da arte como o que pertence ao campo do mundo fora do evento estético, isto é, a vida.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. (1979). *Estética da Criação Verbal*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Trad. Paulo Bezerra. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2008.

FARACO, C.A. Autor e autoria. In: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 37-60.

RIBEIRO, J.C. O pensador da religiosidade moderna. *Revista REVER*, ano 6, n. 2, 2006.

SIMMEL, G. *Essays on Religion*. Yale: Yale University Press – Durham, 1997.

WAIZBORT, L. *As aventuras de Georg Simmel*. São Paulo: Editora 34, 2000.

Recebido em 29/08/2009

Aprovado em 25/09/2009